

106

Estudo de Fatores de Risco para as Doenças Cardiovasculares em uma Coorte de Adultos da Região Urbana de Porto Alegre, RS

Renan S. Moraes. Leila B. Moreira. Mário Wiehe. Gerson M. Pereira. Sandra C. Fuchs. Flávio D Fuchs.

Hospital de Clínicas de Porto Alegre Porto Alegre RS Brasil.

Fundamento: Valores de risco para as doenças cardiovasculares (DCV) foram identificados em estudos de coorte realizados em países industrializados, mas ainda não foram confirmados em estudos brasileiros com este delineamento.

Objetivo: Identificar fatores de risco para DCV em Porto Alegre.

Delineamento: Estudo de coorte prospectivamente planejado e de base populacional.

Métodos: Entre 1990 e 1992, 1091 adultos foram entrevistados no domicílio para identificação da exposição ao fumo, álcool e outras características e submetidos a avaliação antropométrica, demográfica e aferição da pressão arterial. Entre 1996 e 1998 foram novamente visitados para identificação de ocorrências médicas e de óbitos, caracterizados, quando possível, por dados hospitalares, entrevistas com familiares e atestados de óbito. Indivíduos com DCV na avaliação inicial foram excluídos das análises univariada e multivariada (modelo de Cox), que identificaram fatores de risco para DCV (AVE, IM, insuficiência cardíaca, fatais ou não).

Resultados: No total, 857 entrevistados, seguidos por $6,0 \pm 1,7$ anos, com estado vital verificado (90,1% dos participantes) constituíram a amostra analisada. Fatores de risco independentes para DCV foram: pressão sistólica (RR 1,03, IC 1,01 a 1,06), idade (RR 1,05, IC 1,02 1,08) e índice de massa corporal (RR 1,07, IC 1,0 a 1,15). A pressão diastólica tendeu a associar-se inversamente ($P = 0,082$). Cor da pele, hábito de fumar, escolaridade, sexo masculino e consumo de álcool não se associaram significativamente com a incidência de eventos, apesar de alguns apresentarem a tendência esperada.

Conclusões: Confirmou-se a importância de alguns fatores de risco tradicionais em uma população brasileira. A forte associação com a pressão sistólica e a inexistência de associação com a diastólica concordam com a ideia de que o diagnóstico em hipertensão deva se basear na sistólica.

107

Análise da prevalência de riscos cardiovasculares na população de idosos participantes do Projeto Gravataí-RS,

Ivana B.M da Cruz, Gislaine Flores, Alexandre Manida da Cruz, Ricardo Ehler, losiane Siviero, Maristela Taufer, Carlos Frentzel, Neide Bruscato, Emilio H. Moriguchi.

Instituto de Geriatria e Gerontologia-PUCRS Porto Alegre RS Brasil.

Objetivo: investigar a prevalência de fatores de risco e morbidades cardiovasculares presentes em idosos não institucionalizados do Município de Gravataí-RS e comparar as mesmas entre os sexos.

Metodologia: a partir de uma base de dados de 1118 idosos cadastrados no Projeto Populacional de Gravataí, foi feita uma análise da prevalência de fatores de riscos e morbidades cardiovasculares (DCV). A amostra foi obtida de modo aleatório e representativo. Os dados coletados incluíram: anamnese, perfil lipídico, e levantamento de fatores de risco e morbidade prévia para DCV. Foi feita análise univariada por qui-quadrado e multivariada por regressão logística (Foward Wald). Excluiu-se da amostra indivíduos abaixo de 60 anos e cujas informações do banco de dados estivessem incompletas. Foi realizada estatística descritiva e para a comparação da prevalência entre os sexos, qui-quadrado seguido de regressão logística (Foward wald) para variáveis com $p=0,20$. Resultados: O perfil sócioeconômico cultural foi similar ao da população idosa gaúcha em estudo com 7.238 idosos feito pelo Conselho Estadual do Idoso, indicando ser a amostra representativa do RS. Foram incluídos 404 idosos, destes 21% eram homens e 79% mulheres. 18,7% tinham diabetes, 27,9% história familiar, 56% dislipidemia, 16,7% hipertrigliceridemia, 61,2% HAS, 54,7% obesos. 18,8% eram fumantes. Quanto a morbidades de DCV. 30,4% tinha história prévia de angina e/ou infarto agudo do miocárdio. Ocorreu associação entre tabagismo e o sexo (homens=75% e mulheres=22,4%, $p=0,000$), e a dislipidemia e o sexo feminino (homens=41,4%, mulheres=60,4%, $p=0,007$, OR=2,15, IC95%= 1,26-3,68). Conclusão: o estudo mostra que riscos cardiovasculares são frequentes na população idosa gaúcha, e pelo menos tabagismo e dislipidemia sexo-relacionado. Subsídios: FAPERGS, CNPq, Pref. Oravataí-RS.

108

Tendência da Mortalidade por Doenças Circulatórias no Brasil de 1979 a 1996.

Antonio P Mansur, Desidério Favarato, Maria EM. Souza, Solange D. Avakian, José M. Aldrighi, Lufz A.M. César, José A.F. Ramires.

Instituto do Coração (InCor)HC-FMUSP, São Paulo São Paulo SP Brasil e Departamento de Medicina Preventiva FMUSP São Paulo SP Brasil.

Objetivos: as doenças circulatórias (DC) são as principais causas de morte na população brasileira, porém a tendência da mortalidade é desconhecida. Material e Métodos: analisou-se a tendência da mortalidade no Brasil por DC, isquêmicas do coração (DIC) e cerebrovasculares (DCbV), de 1979 a 1996, para indivíduos com idade ≥ 30 anos. As contagens de população e mortalidade foram obtidas da Fundação IBGE e do DATASUS do Ministério da Saúde. O coeficiente (/100.000) foi padronizado (CP) pela idade pelo método direto e realizadas análises estatísticas uni e multivariada.

Resultados: DC, DIC e DCbV foram as principais causas de morte no Brasil. Tabela (H=homens; M=mulheres; CP=coeficiente padronizado; * $p<0,0001$) A análise multi variada mostrou que as doenças cerebrovasculares foram as principais causas de morte nas mulheres em todas as faixas etárias e nos homens acima de 60 anos e as doenças isquêmicas do coração nos homens com menos de 60 anos.

Conclusão: este estudo mostrou pela primeira vez, que apesar das DC serem as principais causas de morte na população brasileira, com maior participação das DCbV, a tendência do risco de morte por DC vem diminuindo.

		CP 79-96	CP médio	Tendênc
DC	H	620-506	586,25	-8,25*
	M	483-383	439,58	-7,53*
DIC	H	194-164	187,78	-2,94*
	M	119-105	115,83	-1,67*
DCbV	H	200-164	195,10	-2,50'
	M	168-130	115,48	-2,78'

109

Polimorfismos das Apolipoproteínas AI, B e E na Estenose Aórtica,

Solange D. Avakian. Antonio P Mansur. Joyce Annicchino-Bizzacchi. Lufz A. M. César. Max Grinberg. José A.F. Ramires.

Instituto do Coração (InCor) HC-FMUSP São Paulo SP Brasil e Hemocentro UNICAMP Campinas SP Brasil.

Objetivos: Estudos têm relacionado a hipercolesterolemia com a estenose aórtica (EAo). Os polimorfismos das apolipoproteínas (apo) AI, B e E, têm sido associados com dislipidemias porém, é desconhecida a associação desses polimorfismos com a estenose aórtica.

Material e Métodos: estudo caso-controle pareados pela idade e sexo, e comparáveis índice de massa corpórea, hipertensão arterial, triglicérides, colesterol total, HDL e LDL, analisou a distribuição dos polimorfismos da mutação AJO da apo AI, do peptídeo sinalizador inserção/deleção da apo B, do fragmento de restrição XbaI da apo B e da apo E, obtidos pela técnica da reação em cadeia da polimerase, em 74 indivíduos não diabéticos com idade entre 30 e 88 anos sendo 37 controles e 37 com EAo. Foram, também, analisadas associações dos polimorfismos com o gradiente valvar aórtico e a massa do ventrículo esquerdo (MVE).

Resultados: a análise univariada mostrou maior prevalência do genótipo dei/dei ($p=0,045$) e X+X+ da enzima de restrição XbaI da apo B ($p=0,015$) em pacientes com EAo e com o alelo E2 da apo E ($p=0,008$). Não se observou associação entre os polimorfismos analisados com o gradiente valvar ($64,9 \pm 7,7$ mmHg) e MVE ($158,6 \pm 54,3$ g/m²) nos pacientes com EAo. Não se observou associação entre o polimorfismo da apo AI com a EAo.

Conclusão: a EAo está associada com os polimorfismos das apolipoproteínas B e E. Esses achados podem ter implicações em medidas preventivas para postergar ou até evitar a troca valvar.